

2) Fundo Nacional de Moradia Popular. O ano de 1991 foi marcado por um acontecimento histórico para os movimentos de moradia: em Brasília (18-19/11/91) foi entregue, no Congresso Nacional, o Projeto de Lei que cria o Fundo Nacional de Moradia Popular. Este fundo pode ser considerado um grande avanço na caminhada pela possibilidade de grupos populares assumirem o controle das iniciativas habitacionais, com recursos provenientes de diversas fontes como FGTS e parte das loterias. Este fundo determina que as propostas devem atender aos grupos organizados em associações ou cooperativas. O Movimento Sem Teto de Florianópolis participou da jornada com um ônibus que foi até à capital federal.

3. Pastoral da Moradia

É uma forma de a Igreja se fazer presente na vida da cidade, e articular com outras pastorais, no resgate da dignidade da vida.

Temos a grande oportunidade de pensar a cidade, através da moradia

“Onde Moras?” É o grande apelo do Lema da Campanha de Fraternidade de 93. A Igreja do Regional Sul IV realizou nos dias 10 e 11 de outubro um seminário, assessorado pelo CEDEP e a ANSUR (Articulação Nacional do Solo Urbano), sobre a questão da moradia no Estado e no país. No término do Seminário foram tiradas as seguintes propostas para 93: um encontro em cada diocese para discutir a questão da Moradia, na busca de organizar e articular as lutas de moradia e/ou Pastoral da Moradia. E no mês de Junho realizar um Congresso sobre a Moradia na cidade de Florianópolis.

Também na Assembléia do Regional Sul IV, realizada nos dias 6, 7 e 8 de novembro, a Comissão Pastoral da Terra de SC, juntamente com o CARP (Conselho Arquidiocesano de Pastoral), CEDEP, CAPROM e Movimento Sem Teto de Florianópolis, comunicou a realização da 8ª Romaria da Terra do Estado de Santa Catarina, no dia 12 de setembro de 1993, que terá como eixo temático a questão da moradia, no campo e na cidade.

Hoje, milhares de pessoas vivem à margem da sociedade e não podem experimentar o direito de dizer: venham e vejam onde moro, pois não têm casa para morar nem terra para plantar.

Temos a grande oportunidade de pensar a cidade, através da moradia. Isso nos leva à perspectiva de continuar a luta pela democracia. Pois, pensar a cidade é pensar num modo de morar, de participar, de construir, de criar, de viver, de imaginar a cidade, cenário urbano, novas formas de divisão do espaço, e de seu uso.

Uma cidade feita por todos e para todos, onde o bem comum não é apenas para alguns grupos de pessoas, mas estende-se a todos os seus cidadãos. Onde as decisões e as gestões da cidade passam por instâncias de participação e controle popular.

Uma cidade onde os cidadãos e cidadãs recriem as relações entre si e com o meio ambiente. Onde as pessoas se unem e se reúnem, discutem problemas, propõem soluções, realizam-nas. Uma cidade onde o solo urbano é apropriado coletivamente. Viver na cidade é amar os homens e as mulheres que nela habitam, buscando as tradições, avaliando o seu passado com um olho no futuro.

Viver na cidade é descobrir, através dos rostos sofridos, os apelos para a construção de uma nova sociedade, onde as pessoas possam viver com liberdade.

Viver na cidade é redescobrir a contemplação no cotidiano para gerar novas relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Pensar desta forma não é um sonho, mas um desafio que está proposto para todos os homens e mulheres que querem, na cidade terrestre, a construção da cidade celeste, onde o paraíso começa a expressar-se não como saudade, mas como esperança.

BIBLIOGRAFIA

RODRIGUES, Alfredo - Extratos do texto apresentado no Seminário “Cidade para Todos”, Colégio de Arquitetos do Chile, 1992

Jornal Vermelho e Branco nº 33, 1992

Texto-Base CF 1993 “Onde Moras?”

Elementos para a Nova Evangelização na Arquidiocese de Florianópolis, 1992

CARVALHO PINTO, Vitor, *Desenvolvimento Urbano ou Reforma Urbana?*

Arquivo do CEDEP.

Endereço do autor:

*Comunidade do Mont Serrat
rua General Vieira da Rosa s/n
cx postal 3877*

88020-970 - FLORIANÓPOLIS - SC

A CASA NOS SAPIENCIAIS

*Pe. Ney Brasil Perelra
Professor de Exegese*

Em estudos anteriores, já abordei o “sentido do trabalho”¹ bem como o tema da “escravidão”², no conjunto dos livros sapienciais do Antigo Testamento. Agora, motivado pela Campanha da Fraternidade de 93, parece-me útil examinar também o que os “Sábios”, nesses livros, nos dizem da casa, da moradia, para deduzirmos daí o que nos parecer relevante hoje.

Por que essa pesquisa só nos livros sapienciais, quando o tema da casa é tão significativo ao longo de toda a Bíblia, no Antigo como no Novo Testamento? Primeiro motivo para essa delimitação é, naturalmente, o fato de que um artigo de

revista não pode ter a pretensão de uma tese: é forçoso, portanto, restringir a pesquisa. Segundo, tendo ultimamente tido a oportunidade de deter-me mais no texto do Sirácida, elaborando sobre o livro ou Comentário que acaba de ser publicado³, minha atenção foi despertada pelo que ele escreve no c. 29,21: “*Eis o fundamental para se viver: água, pão, roupa, e casa - para se resguardar a intimidade*”...

Partindo, pois, dessa constatação “fundamental” do Sir 29,21, examinaremos alguns dos muitos textos que ele, e também

outros livros sapienciais, nos oferecem sobre o tema, para tentarmos, na conclusão, chegar a uma síntese.

1. No SIRÁCIDA

1.1: A casa - essencial para a vida

O texto de Sir 29,21 faz parte da perícopa que abrange os vv. 21-28 e que poderia ser intitulada, como o fiz no Comentário citado⁴, "Agruras do migrante". Talvez mais expressivo, em todo caso mais cáustico, o título que lhe dá a Bíblia Pastoral: "Dignidade e humilhação"... Mas vejamos o texto:

21. Eis o fundamental para se viver: água, pão roupa e casa, para se resguardar a intimidade.
22. É preferível uma vida de pobre sob um teto de madeira, a iguarias suntuosas em terra alheia.
23. Tanto no pouco, como no muito, mostra-te contente e não escutarás os impropérios da vizinhança estranha.
24. Triste vida é ir de casa em casa, sem poderes abrir a boca onde moras como estrangeiro.
25. Serás recebido como estranho e beberás estrangido. Além disso, ouvirás coisas desagradáveis:
26. "Vem, forasteiro, prepara a mesa e, se tens alguma coisa em mãos, dá-me de comer".
27. Ou: "Retira-te, forasteiro, cede o lugar a outro mais digno! Meu irmão veio visitar-me, preciso da casa..."
28. São coisas penosas para um homem de bom senso: a reprimenda do hospedeiro e o insulto do credor."

Antes de tudo, uma observação sobre o texto do v. 21: literalmente, a expressão concisa do Sirácida afirma que a água, o pão, a roupa, a casa, são "princípio de vida" (gr. *archê zôês*), isto é, necessidades primeiras da vida⁵, como traduzem a TOB⁵ e DI LELLA⁶ ou, segundo a Bíblia Pastoral, "coisas indispensáveis para a vida"...

Eis o fundamental para se viver: água, pão roupa e casa

O Sirácida não insistiria tanto nesse truísmo se não houvesse, no seu tempo e ambiente, a problemática. Isto é, se não houvesse o agudo problema dos migrantes, dos sem-terra e sem-teto, na sua Judéia totalmente dependente, no contexto da dominação selêucida. Uma Judéia em processo de helenização desde o tempo dos Ptolomeus, ao longo do séc. III aC, sugada por uma política tributarista escorchante, não podia deixar de sofrer as consequências dessa política. É por isso que o Sábio reafirma a óbvio: a casa - e não a casa vazia, nem no ar, mas a casa sobre um terreno conveniente, próprio, com água, pão e roupa - é "essencial para a vida" (v.21).

A questão, pois, é muito concreta. Trata-se do essencial para se preservar a dignidade da pessoa humana: "água, pão, roupa, casa" (v.21) ou, como dizemos nós hoje na América Latina, "casa para morar, terra para plantar"... Como bem comenta a Bíblia Pastoral, "quem não possui esse mínimo necessário, passa a depender dos outros de forma humilhante: é explorado nos aluguéis e no salário, e é coagido a mendigar trabalho e assistência, tendo sempre de esperar pela bondade dos outros".

Os vv. 22 e 23, insistindo naquilo que é suficiente e preferível - a vida frugal na própria casa, a "banquetes em terra estranha" - lembram a oração do Sábio em Pr 30,7-9: "... Não me dê pobreza nem riqueza... não seja que, saciado, eu te renegue... ou, empobrecido, me ponha a roubar e atente contra o nome de meu Deus!"

Os vv.24-27 descrevem com franqueza as agruras por que passa um migrante, um hóspede, mesmo naquela cultura em que a hospitalidade costumava ser proverbial: mudanças de domicílio, não poder reclamar, passar constrangimentos e humilhações... Tudo isso leva à constatação amarga do v. 28, que se reporta também à situação descrita na perícopa anterior (Sir 29, 1-20).

A casa, portanto, a "residência fixa", fator de peso no grau de confiabilidade do indivíduo

Na mesma linha da necessidade fundamental da casa, temos interessante pergunta retórica no c. 36,31: "Quem confia no assaltante ousado, que corre de cidade em cidade? Da mesma forma, quem confia no homem sem ninho, que se abriga onde a noite o surpreende?" A casa, portanto, a "residência fixa", já era então, como hoje, fator de peso no grau de confiabilidade do indivíduo. Afirmá-lo, pois, implica no Sirácida a formulação de uma exigência e um direito: se é tão importante e fundamental a casa, não é justo que dela seja privado quem quer que seja!

Detalhe interessante é o do termo gr. empregado para a situação analisada: "migrante" é *pároikos*, "vizinhança estranha é *paroikía*, "viver como estrangeiro" é *paroikein*... quer dizer, os termos da nossa estrutura paroquial, que atualmente representam a fixação da Igreja em determinado lugar, inclusive com construções vistosas, pelo menos funcionais, vêm exatamente de termos que originalmente davam a entender a moradia provisória... Não sei de todos os passos da evolução semântica desses vocábulos - pároco, paróquia, paroquiar, paroquiano - até o seu significado atual, mas pelo menos como sugestão, ainda mais nesta época em que novas estruturas pastorais, p. ex. as CEBs, questionam a paróquia tradicional, quem sabe a lembrança desses significados de origem possa ser inspiradora⁷.

1.2: A casa bem construída

Vejamos agora como o Sirácida caracteriza as qualidades dessa exigência fundamental do ser humano. No c. 21,8 ele alerta contra a casa "construída com o dinheiro alheio", isto é, extorquido de outros, dos pobres (cf Jr 22, 13-14 contra o rei Joaquim), construção contraproducente, porque equivale a "amontoar pedras para a própria sepultura". Aliás, pouco antes, em 21,4, ele advertira contra o perigo da soberba, que "arrasa" a casa do seu dono: "Intimidação e arrogância destroem a riqueza: a casa do soberbo será arrasada". A ameaça é explicada pela referência ao "clamor do pobre", logo a seguir (21,5), segundo o que lemos no livro da Aliança: "Jamais oprimas uma viúva ou órfão. Se os oprimires, clamarão a mim e eu os ouvirei..." (Ex 22,21-22).

No c. 3,9, no meio do belo comentário siracídiano ao 4º mandamento, "o primeiro ao qual está ligada uma promessa" (cf Ef 6,2), aparece a "bênção do pai" que consolida a casa dos filhos, ao passo que "a maldição da mãe" lhe destrói os alicerces: assim é que o Sábio atualiza, concretamente na "casa", a bela promessa de Dt 5,16: "... para que sejas feliz na terra!"

A "bênção do pai" que consolida a casa dos filhos

No c. 26,16 aparece a casa "bem arrumada", fruto do carinho e da dedicação da esposa, cujo "encanto", no meio do lar, é comparado ao "sol que se levanta sobre as montanhas do Senhor..." Tão bela e poética homenagem à dona de casa contrasta, por sinal, com os textos, mais numerosos, em que o Sirácida se

exprime tão negativamente em relação à mulher, p. ex. na longa seção do c. 25,13 ao c. 26,27. O contraste, no entanto, se explica: os textos negativos não retratam a mulher como tal mas a sua contrafação, a prostituta⁸.

A propósito, ainda, da casa "bem arrumada", notar o conselho do c. 32, 11-12, quase no fim da longa seção sobre "Comida, vinho e banquetes" (31,12-32,13). Prudentemente, o Sirácida aconselha a "não ficar por último", numa festa, e arremata: "Volta depressa para casa, e não te ponhas a vaguear. Em casa, diverte-te e faz o que te aprouver; mas não peques..." É a casa como ponto de partida e de retorno, como porto seguro e conhecido onde o navegante sabe que vai encontrar abrigo.

Tal, aliás, abrigo seguro e lar onde nada falta, é a casa de quem segue a Sabedoria, vale dizer, de quem "teme o Senhor", segundo a teologia da retribuição expressa, p.ex., no c. 1,17: "Toda a sua casa (isto é, a dos seguidores da Sabedoria), ela a enche com o que desejam; e com os seus produtos, os celeiros"⁹

1.3: A casa ameaçada

No c. 11,29, o Sirácida faz a advertência pragmática: "Não introduzas qualquer um em tua casa, pois são numerosas as ciladas do pérfido". É a prudência na hospitalidade, que ele quer inculcar ao longo de toda a perícopa de 11,29-34, precavendo contra a acolhida ao "pérfido" ou "astuto" (v.29), o "soberbo" (v.30), o "pecador" (v.32), o "malvado" (v.33), o "estranho" ou "estrangeiro" (v.34). Nos "estrangeiros" parecem estar visados os helenistas, à infiltração de cujas idéias o Sirácida entende dever opor-se um dique sólido e decidido: nada, pois, de intercâmbios ou afabilidades com eles, menos ainda na própria casa! É, aliás, a posição tomada, e ainda mais radicalmente, pela 2ª carta de João: "Se alguém vier ter convosco e não trouxer esta doutrina, não o recebeis em casa nem mesmo o saudeis!" (2Jo 10). Que diria o Sirácida da TV, que sequer pede licença para entrar, mas já está dentro da casa, não só na sala-de-estar, mas até na hora da refeição e, mesmo, no quarto de dormir?

Que diria o Sirácida da TV, que sequer pede licença para entrar?

Entre as várias passagens que o Sirácida dedica ao tema da língua e do seu mau uso, a calúnia, a mais elaborada e impressionante é com certeza a do c. 28,13-26, onde encontramos o seguinte: "A língua do caluniador abalou a muitos e os dispersou de nação em nação, abateu cidades fortificadas e destruiu as casas dos grandes" (28,14). E ainda, no v.15: "A língua do caluniador fez com que mulheres íntegras fossem repudiadas, e as despojou do fruto de seus trabalhos..." Isto é, a língua caluniadora e fofoqueira, capaz de tudo, alcançando sempre o seu diabólico intento de, pelo menos, levantar suspeita, é certamente uma das mais temíveis ameaças que possam atingir uma família, uma casa.

Também pela língua é ameaçada a casa daquele que "muito jura" e que, pelo muito jurar, perjura, como nos adverte o Sábio no c.23,11: "Aquele que muito jura fica repleto de iniquidade, e o açoite não se afastará de sua casa. Se jura por inadvertência, o pecado recai sobre ele; se o faz por leviandade, peca em dobro; se jurou em vão, não será justificado e sua casa se encherá de calamidades." Pelo visto, o Sirácida não chega à radicalidade de Jesus, que proíbe o juramento por considerá-lo um contra-senso entre seus discípulos, para quem o sim deve ser sim e o não deve ser não (cf. Mt 5,33-37). Mas alerta contra a sua banalização e a conseqüente banalização do Nome sagrado (cf. 23,9-10), cuja proclamação solene era privilégio do sumo sacerdote no dia da Expiação (cf 50,20). O v. 11, que citamos,

elencas uma escala na gravidade dos juramentos multiplicados: por inadvertência, por leviandade, e por falsidade, e então já é perjúrio, que Deus não pode deixar impune: "sua casa ficará cheia de calamidades"¹⁰. E por que tais conseqüências? Porque, naturalmente, quem perjura nas suas relações fora de casa, como é que vai ser fiel e veraz dentro do lar? E, se não houver sinceridade e verdade, como é que essa casa poderá subsistir?

"Casa" não é apenas a construção material, mas é a família, os bens, o patrimônio, a descendência

Por fim, uma ameaça abrangente, que o Sirácida explicita no c. 27,3: "Quem não se apegar com firmeza ao temor do Senhor, sem demora sua casa cairá, rapidamente, em ruínas!" Aqui, como em outros textos, percebe-se que "casa" não é apenas a construção material, mas é a família, os bens, o patrimônio, a descendência. Pois bem, tudo isto, segundo o Sábio, não tem consistência alguma se aí, na "casa", não houver o "temor de Deus", que é "princípio da Sabedoria", como já faziam ensinado Jó 28,8; Pr 1,7 e 9,10; Sl 111,10 etc, e o Sirácida não se cansará de repetir. Esse "temor" é a atitude religiosa fundamental que nos leva a reconhecer que "Deus é Deus e que o homem não é Deus", reconhecendo o homem que o primeiro lugar pertence ao Senhor, amado e obedecido "sobre todas as coisas"¹¹. Se, pois, é o "temor de Deus" que nos torna verdadeiramente felizes (cf Sir 1,12), a sua ausência numa casa é mau sinal, é perigo, é ameaça!

2. No LIVRO DE JÓ: A casa "protegida"

O autor do livro de Jó, que longamente debate o tema da retribuição, contestando as certezas da teologia tradicional, inclusive a do profeta Ezequiel com a sua proclamação da responsabilidade individual (cf. Ez 18), apresenta, já no início da sua obra, na seção narrativa (cc. 1-2), a equação do problema. E quem arma a equação é Satanás, que, diante do testemunho da integridade de Jó, proclamada pelo próprio Javé, sai-se com esta: "Não é por nada que Jó teme a Deus! Pois não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens?... Estende, porém, a tua mão e toca nos seus bens; e eu te garanto que Jó te amaldiçoará!" (cf. Jó 1,9-11)

O desafio de Satanás, portanto, baseia-se no raciocínio seguinte: É fácil "temer a Deus, ser íntegro e reto e abster-se do mal" (cf. Jó 1,8b), quando tudo vai bem, isto é, quando a providência divina como que "levanta um muro" ao redor de nossa casa, preservando-nos das calamidades... embora alguém pudesse retrucar que, por outro lado, o bem-estar tantas vezes faz esquecer de Deus, a casa "bem protegida" podendo tornar-se uma redoma de individualismo burguês sob a qual nem Deus nem o próximo têm lugar. Mas não é esta a perspectiva do "piedoso" Satã que, olhando só um lado da realidade, interpreta a religiosidade de Jó como resultante da prosperidade que Deus lhe concede. Será preciso, pois, tirar a "prova dos 9", derrubando o muro de proteção divina em torno da casa de Jó... e esperar o resultado, que aparecerá na seqüência do magnífico livro. Jó vai resistir, num primeiro momento com resignação (cf 2,10), mas depois, na longa sucessão dos diálogos com seus amigos, vai atacar a teologia tradicional que estes vêm expor-lhe, ao tentarem acalmar os seus questionamentos à incompreensível justiça de Deus.

Assim Baldad, um dos três interlocutores do amigo sofredor, afirma com desenvoltura, no c. 8,14-15: "A confiança

do ímpio é um fiapo no ar, uma teia de aranha a sua segurança; ao se apoiar *em sua casa*, esta cairá; quando nela se agarrar, ela não resistirá... isto é, a "casa" do ímpio não tem segurança, não tem firmeza real, mesmo que aparente estabilidade. Da mesma forma, Sofar, no c. 20,18-19, numa passagem que lembra os oráculos de Amós (cf Am 3,10.15; 5,11; 8,4-7 etc), assim fala a Jó: "O ímpio ficará triste ao ter de restituir os seus ganhos e não gozará de lucro do seu comércio. Porque destruiu as cabanas dos pobres e se apropriou *de casas* que não tinha construído..." isto é, sua prepotência, que chega ao extremo de arrasar as choupanas dos pobres e de apropriar-se de casas alheias, transforma-se em maldição: o ímpio não gozará daquilo que injustamente acumulou! O mesmo Sofar, pouco mais adiante, em 20,28, reafirma: "As riquezas de sua casa (= do ímpio) se esvairão, como torrentes que se escoam no dia da ira..."

A "casa" do ímpio não tem segurança, não tem firmeza real

No entanto Jó retorce a argumentação dos amigos e, aduzindo a experiência contrária, rebate: "Vós dizeis: 'Onde está a casa do poderoso, onde, a morada dos ímpios?' (21,28). Pois bem: no dia do desastre o ímpio é poupado, no dia do furor é posto a salvo" (21,30); "suas casas (= dos ímpios) estão em paz e sem temor, e a vara de Deus não as atinge!" (21,9) Dessa forma, ele questiona a própria argumentação de Satã em 1,9-11: Se a "casa protegida" de Jó explicasse a sua integridade, então a casa também "protegida" dos ímpios explicaria o quê? Quer dizer, é preciso procurar outras motivações e outras explicações, menos simplistas, da felicidades ou desgraça dos justos, e da felicidade ou desgraça dos ímpios, vale dizer, do mistério da vida. Só assim não nos abalará a adversidade, que perturbe a nossa casa, nem nos emproará a prosperidade.

3. Em PROVÉRBIOS: Casa da Sabedoria e Casa da Loucura

Apesar de ser pós-exílica a sua redação final, que inclui a elaboração de suas passagens mais famosas (a longa introdução dos cc. 1-9 e o epílogo, c. 31,10-31), o livro dos Provérbios ignora a problemática agitada pelo livro de Jó e pelo do Eclesiastes: o questionamento da teologia tradicional da retribuição. Para o(s) autor(es) de Provérbios, as coisas são claras: a Sabedoria, que equivale à justiça, é fonte de felicidade, e a Insensatez, que é a impiedade, traz a desgraça. Ou, para citarmos alguns provérbios que focalizam a "casa" do justo e do ímpio: "A maldição de Javé está *na casa do ímpio*, mas ele abençoa a morada do justo" (3,33); "Os ímpios são derrubados e desaparecem, mas *a casa dos justos* subsiste" (12, 7); "*A casa do ímpio* será destruída, a tenda dos homens retos prosperará" (14,11); "*Na casa do justo* há abundância, mas o rendimento do ímpio é fonte de inquietação" (15,6); "A quem retribui o bem com o mal, a infelicidade não se afastará *de sua casa*" (17,13)...

O contraste entre a própria "Casa da Sabedoria" e a "Casa da Loucura"

Além desses textos sobre a sorte diversa da casa do justo e da casa do ímpio, vale dizer, do sábio e do insensato, o c. 9 apresenta-nos o contraste entre a própria "Casa da Sabedoria", um palácio com sete colunas¹² (cf 9,1) e a "Casa da Loucura",

situada no alto, em posição sobranceira à cidade (cf 9,14), e para ambas as "casas" somos insistentemente convidados!

Que nos oferece a Sabedoria? Ela mesma "mata as reses, mistura o vinho e põe a mesa" (cf 9,2), preparando pessoalmente o banquete aberto a todos. Ela mesma envia suas criadas - é, portanto, rainha! - a proclamar nos pontos mais altos da cidade (onde se estadeia a "Casa da Loucura", cf 9,14): "Quem for simples, venha! Ao desprovido de senso, eu digo: comei do meu pão e bebei do vinho que preparei. Deixai a insensatez (lit. os insensatos) e viveis! Caminhai pela via da inteligência!" (9,4-6) Convite semelhante encontramos no final do II Isaías, na bela passagem do c. 55,1-2: "Todos que tendes sede, vinde às águas... vós que não tendes dinheiro, comprai e comei... vinho e leite..." Da mesma forma, no Sirácida, c. 24,19-21, assim fala a Sabedoria: "Vinde a mim todos os que me desejais, e fartai-vos de meus frutos..." Como não ver no Evangelho, especialmente no c. 6 de João (cf Jo 6,51: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente!"), como não ver no Cristo-Palavra, no Cristo-Pão, a plenitude dessa promessa?

E que nos oferece a Loucura (lit. a "mulher louca" ou, como traduzem BJ e TOB, a "Senhora Loucura"), apresentada como "inquieta, barulhenta", e que "nada sabe" (cf 9,13)? É ela em pessoa que "fica assentada à porta da casa, num lugar que domina a cidade, e grita aos que passam, os que seguem o caminho reto" (cf 9,14-15): "Quem for simples, venha! Ao desprovido de senso, eu digo: A água roubada é mais doce, o pão surripiado é mais saboroso..." (cf 9,16-17) Notar que o início da proclamação de uma e de outra é igual (v. 4 e v. 16), mas a oferta é diferente: se a Sabedoria oferece "pão e vinho" por ela mesma preparados, a Loucura insinua "água (!) e pão" ilegitimamente conseguidos! É evidente que, se a Sabedoria representa a Lei, como o explicitará claramente o Sirácida (Sir 24,23), a Loucura, que no c. 7 apareceu como prostituta, e desde o c. 2,16 como "a mulher alheia, estranha ou estrangeira", representa a infidelidade a Javé pela adesão a outros cultos e práticas, com já Oséias denuncia (cf Os 2,4-15). Não é sem motivo, pois, que a descrição do convite da Loucura termine pela advertência aos incautos: "Eles não sabem que em sua casa, isto é, na casa da Loucura, estão as sombras... e seus convidados, no fundo do Xeol!" (9,18).

Esse retrato da "mulher ideal" é o retrato da Sabedoria em pessoa

Mas voltemos à *Casa da Sabedoria*, desta vez, porém, no final do livro (c. 31,10-31), no belo poema acróstico conclusivo sobre a "mulher ideal" (lit. mulher "forte", mulher "de valor"¹³), que nada deixa faltar em sua casa, porque "é ainda noite e ela se levanta, para preparar o alimento à sua família e distribuir tarefas às criadas" (31,15); "se neva, não teme por seus familiares, pois todos vestem roupas forradas" (31,21); "Ela atende ao bom andamento de sua casa, e não come o pão da ociosidade" (31,27)... Evidentemente, esse retrato da "mulher ideal", pincelado pelo editor do livro dos Provérbios no final de sua obra, é o retrato da Sabedoria em pessoa, identificada, como já vimos, com a Lei, com a fidelidade à Aliança, e fruto do temor de Deus, e penhor de felicidade. É por isso que ela é empreendedora, ativa, polivalente, parabenizada pelos filhos (todos os que a seguem) e elogiada pelo marido - que é o próprio Javé (cf 31,28).

4. NO LIVRO DOS SALMOS

4.1: A Casa do Senhor

A perspectiva característica do Salmista, em relação à "casa", por surpreendente que possa parecer, é quase totalmente

“vertical”, isto é, o Salmista praticamente não fala da casa do justo nem da casa do ímpio, nem da realidade concreta da própria casa, a não ser no Sl 112 e nos dois salmos “da família” (Sl 127 e 128), que comentaremos depois. A perspectiva “vertical” de que falamos é a que aparece nos vários salmos que se referem ao Templo, reconhecido como “casa de Javé”, “casa do Senhor”, e que comentaremos a seguir.

A “casa” de Javé não como lugar de refúgio, mas como alvo do zelo devorador do salmista

Assim, no Sl 5,8: “Quanto a mim, por teu grande amor entro em tua casa, prostro-me em teu sagrado Templo, cheio de teu temor”... Isto é, o salmista, num salmo individual de súplica matutina, depois de contrapor-se aos orgulhosos e ímpios, que não podem subsistir na presença de Deus, apresenta-se confiante no lugar privilegiado dessa presença, o Templo! Da mesma forma, o ponto de chegada do conhecido Sl 23, expressão da confiança total no Senhor que é “o meu Pastor” (23,1) e que “me guia por caminhos justos” (23,3), o lugar do repouso supremo, “por dias sem fim”, é, novamente, a “casa do Senhor” (23,6b)...

No Sl 26,8, igualmente um salmo de súplica, e aqui, de um inocente perseguido, os vv. centrais referem-se ao altar e ao Templo, o v. 8 sendo uma declaração comovente de amor à “beleza da casa onde habita (lit. onde “está a tenda”) a glória do Senhor”! Note-se a retomada dessas expressões no famoso c. 1,14 do evangelho segundo João, em que o evangelista proclama que a Palavra de Deus, seu Filho unigênito, fazendo-se carne, “armou sua tenda”, edificou sua casa, entre nós, e pudemos contemplar a sua glória...

O Sl 36, que começa com um reflexão sapiencial sobre a incompreensível malícia do ímpio (vv. 2-5) e logo se transforma em hino que exalta o amor, a verdade e a justiça de Javé (vv. 6-10), conclui com uma súplica para que o amor e a justiça de Deus preservem os justos, especialmente o salmista (vv. 11-13). É na parte central, hínica, que encontramos o belo v. 9: “Eles (os filhos de Adão”, os humanos) ficam saciados com a abundância (lit. a “gordura”) da tua casa e lhes dá a beber da torrente das tuas delícias...

No longo Sl 69, de lamentação individual do justo perseguido, vários de cujos traços a releitura cristã viu realizados em Jesus (cf vv. 21-22), encontramos expressiva referência à “casa” de Javé não como lugar de refúgio, mas como alvo do zelo devorador do salmista: “O zelo por tua casa me devora, e os insultos dos que te insultam recaem sobre mim”. A segunda parte do v. é aplicada a Cristo por Paulo, em Rm 15,3, e a primeira parte, que nos interessa mais de perto, é citada em Jo 2,17, no episódio da purificação de Templo. Diante da decidida e radical ação de Jesus, o evangelista diz que a escritura que ocorreu aos discípulos foi, justamente, o Sl 69,10, citado porém conforme a tradução dos LXX, com o verbo no futuro: “O zelo por tua casa me devorará... numa inequívoca relação entre aquele gesto messiânico de “zelo pela casa do Senhor” e a sua consequência futura: a Paixão! Surpreendentemente, logo a seguir, Jesus desafia seus adversários a que destruam “este Templo”, e promete “reedificá-lo em três dias” (Jo 2,19), e o evangelista apressa-se em explicar que “ele, porém, falava do Templo do seu corpo” (2,21), aludindo à misteriosa superação dessa instituição da qual Javé “não precisa” (cf Is 66,1-2, citado por Estevão em At 6,48s), que foi tantas vezes idolizada (cf Jr 7,1-15), mas que, mesmo assim e superada essa ambiguidade, é digna do “zelo” que devora o Salmista. Paulo, na 1Cor 3,16ss, levará adiante

essa trans-significação, ao afirmar que a comunidade cristã é o Templo: “Não sabeis que sois o Templo de Deus, e que o Espírito Santo habita em vós?... Pois o Templo de Deus é santo, e esse Templo sois vós!”

Os salmos 84 e 92 referem-se à “casa de Javé” com expressões semelhantes às que acima comentamos, nos Sl 5, 26 e 36. Assim, o Sl 84, de peregrinação, nos vv. 4-5: “Até o pássaro encontrou uma casa, e andorinha um ninho... junto aos teus altares, Senhor! Felizes os que habitam em tua casa, os que te louvam sem cessar!” O Sl 92, hino sapiencial, que celebra a sorte feliz dos justos e a ruína dos ímpios, expande-se na bela metáfora dos vv. 13-14: “O justo brota como a palmeira, cresce como o cedro no Líbano: plantado na casa de Javé, floresce nos átrios do nosso Deus!”

4.2: A casa do Justo

O Sl 112 é uma composição sapiencial alfabética que exalta o justo, dele dizendo várias das benemerências que o Sl 111, também alfabético e do gênero hínico, atribui ao próprio Senhor. Seu início, após a convocação do “Aleluia” (= “louvai a Javé”), é uma bem-aventurança do homem que “teme a Javé e se compraz em seus mandamentos” (Sl 112,1). Os vv. seguintes explicam em que redonda essa bem-aventurança, e o v. 3 explicita: “Na sua casa há abundância e riqueza, e sua justiça permanece para sempre”. Notar que a “justiça” que perdura é a da partilha desses bens de que sua casa está cheia, como o explica o v. 9: “Ele distribui aos indigentes com largueza, e esta sua justiça permanece...”

“Se Javé não constrói a casa, em vão labutam seus construtores”

Nos Sl 127 e 128, que acima chamamos de “Salmos da família” e que fazem parte do conjunto dos Salmos “de romaria” (Sl 120-134), encontramos uma advertência e uma promessa. A advertência é a do início do Sl 127: “Se Javé não constrói a casa, em vão labutam seus construtores”, advertência que o salmista reforça de várias maneiras no restante de sua composição, insistindo em que o trabalho do homem está votado ao fracasso, se Deus não o fecunda¹⁴. E a promessa é do Sl 128,2-3, salmo que começa pela bem-aventurança dos que temem a Javé e assegura: “Do trabalho de tuas mãos comerás, tranquilo e feliz: tua esposa será como videira fecunda, no recesso de tua casa; e teus filhos, rebentos de oliveira, ao redor de tua mesa!” O v. 4 forma inclusão com a bem-aventurança inicial: “Assim será abençoado o homem que teme a Javé!”

5. ECLESIASTES E CÂNTICO: Mais que a casa, o amor!

Com exceção do notável desafio expresso em Ct 8,7b, não temos, nem em Ecl nem em Ct, nenhuma passagem mais expressiva sobre o tema que nos ocupa. Assim, no Eclesiastes, esse intrigante livro sapiencial que tanto analisa o “sem-sentido”, a “vaidade” da vida humana, surpreende a ausência de considerações expressas sobre a realidade “casa”. Notei apenas, no c. 7, duas contraposições enigmáticas da “casa em luto” à “casa em festa”, sem que Coélet explique bem por quê. Ele insiste em que “mais vale visitar a casa de luto do que a casa em festa, porque tal — o luto, a morte — é o desfecho de cada ser humano”... (Ecl 7,2) E no v. 4 reafirma, sem muita justificativa: “O coração do sábio está na casa em luto, enquanto o coração do néscio está na casa em festa”.

No Cântico dos Cânticos, “o mais belo dos poemas”, que celebra o amor mútuo de um Amado e de uma Amada que se unem e se perdem, se buscam e se encontram¹⁵, deparamo-nos com uma primeira referência à casa dos amantes em 1,17, aliás, casa mais metafórica que real, antes o bosque do que uma casa propriamente dita: “As vigas de *nossa casa* são de cedro, e seu teto, de ciprestes”¹⁶. Nos c. 3,4 e 8,2 aparece duas vezes, por parte da Amada, a referência à “*casa de minha mãe*”, local para onde ela quer conduzir o Amado: “Agarrei-o (ao meu Amado) e não vou soltá-lo até que o faça entrar na casa de minha mãe...” (3,4); “Eu le levaria, te introduziria na casa de minha mãe, e tu me iniciarias...” (8,2) É surpreendente e delicada a perspectiva feminista da Amada, que fala da casa “da mãe” e não do pai, como falara antes da “nossa” casa e não da casa do Amado...

Por fim, já no epílogo do Cântico, e em paralelismo com o seu mais famoso versículo (8,7a: “As grandes águas não poderão extinguir o amor, nem os rios, submergi-lo”), o desafio: “Quisesse alguém dar *todos os bens de sua casa* em troca do amor, seria tratado com desprezo!” (8,7b) Isto é, da mesma forma como os elementos primordiais são incapazes de vencer o amor, assim também o dinheiro, o dote mais polpudo, “*todos os bens*” de uma casa, nada poderá comprá-lo, pois amor não se vende! O desafio, ao mesmo tempo que enaltece a grandeza insuperável do amor, reconhece isso facto o valor da “casa”, digna de ser – se possível – oferecida em troca.

Conclusão

Sem a pretensão de haver esgotado o tema, fiquei eu mesmo surpreso com o resultado da pesquisa, tão diversas e complementares foram as acepções de “casa” nos vários livros sapienciais. Desde a constatação do Sirácida, de que a casa é “fundamental para se viver” (Sir 29,21), até o desafio de Ct 8,7b, a “casa” designa geralmente o que entendemos por “casa”: o espaço físico concreto, mas também pode designar a “casa viva”, a família, os filhos, e os bens anexos. Não transpareceu, nos textos analisados, a não ser exatamente na referida passagem de Sir 29,21 (no contexto: vv. 21-28), a preocupação pelo problema social dos sem-teto. Frequente foi a contraposição entre a sorte feliz, abençoada, da casa “do justo”, em contraste com a casa “do ímpio”, entre os valores da casa “da Sabedoria” e os desvalores da casa “da Loucura”, embora essa contraposição de sorte feliz ou infeliz tenha sido questionada no livro de Jó. Notamos também o carinho do Salmista para com a “casa de Javé”, que era o Templo...

Tão diversas e complementares foram as acepções de “casa” nos vários livros sapienciais

Tudo são aspectos importantes e complementares dessa realidade “fundamental” que vem passando por transformações aceleradas em nossa época dos apartamentos e dos cortiços, das comunicações sofisticadas e do isolamento, das novas também, e revolucionárias, formas de convivência familiar. Possa a próxima CF-93, dedicada ao tema “Fraternidade e Moradia”, e focalizando a deficiência habitacional crônica em nosso país, também em nosso Estado, contribuir eficazmente para a solução do problema. Isto, porém, sem nos esquecermos de que, “se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os que a constroem” (Sl 127,1).

NOTAS

(1) PEREIRA, N. B., “O sentido do Trabalho nos livros Sapienciais”, in “Estudos Bíblicos” n. 11, Ed. Vozes, 1986, p.83-91

(2) PEREIRA, N. B., “A escravidão nos Sapienciais”, in “Rev. de Cultura Bíblica” n. 49-50, Ed. Loyola, 1989, p. 46-60. Cf reprodução desse estudo in “Selecciones de Teologia” n. 118 (1991), p. 98-103, com o título “La esclavitud en los Sapienciales”

(3) PEREIRA, N. B., “Sirácida ou Eclesiástico”, na série “Comentário Bíblico” de Vozes, Sinodal e Impr. Metodista, 1992, 260 p.

(4) Id., *ibid.*, p. 142

(5) TOB = Traduction Oecuménique de la Bible, éd. Du Cerf, Paris, 1975 (trad. brasileira em preparação, nas Ed. Loyola)

(6) SKEHAN, P. W. – DI LELLA, A. A., “The Wisdom of Ben Sira”, col. Anchor Bible, Doubleday, N. York, 1987

(7) cf PEREIRA, N. B., “Sirácida ou Eclesiástico”, p. 143

(8) Cf meu comentário dessa passagem no livro cit., pp. 126-134. Ver também meu artigo “A mulher no Sirácida” in “Encontros Teológicos”, ITESC, Florianópolis, 3 (1987/1) p. 16-21; ou in Estudos Bíblicos”, Vozes, n. 20 (1988), pp. 46-58: ou in “Rev. de Cultura Bíblica”, Loyola, n. 53-54 (1990), pp. 128-142

(9) Neste v. temos interessante problema de tradução, por causa da incerteza de se saber quem é o sujeito da frase: “ela”, a Sabedoria? ou, como optamos em nosso comentário, p. 33, “ele”, o Senhor? Incerteza, também, de se saber a quem se referem os possessivos: “sua” casa, é a casa da Sabedoria, ou a casa dos seus seguidores? As versões antigas e modernas têm variantes, como se pode conferir, p. ex., no já cit. Comentário de SKEHAN – DI LELLA, p. 117

(10) Cf meu Comentário, no livro cit. p. 117

(11) Cf meu comentário sobre o “temor de Deus”, no livro cit., p. 34

(12) Essas “7 colunas” excitaram a imaginação dos intérpretes, quer aludindo à estruturação “arquitetônica” do próprio livro dos Provérbios (assim SKEHAN, P. W., num artigo no CBQ de 1947, p. 190-198, sustentando que as “7 colunas” são os 7 poemas de Pr 1-9); quer aludindo ao Templo de Salomão, contraposto aos templos pagãos, p. ex., de Afrodite; quer aludindo aos “7 dias” da criação ou à estrutura do universo, constituído do sol, da lua e dos 5 planetas conhecidos; quer, ainda, ao palácio de Senaquerib, com 7 pilares, edificado para a festa do Ano Novo... quer simplesmente designando um belo palácio, uma casa real... (cf KIDNER, D., “Provérbios”, Introd. e Comentário, Série Cultura Bíblica, Ed. Mundo Cristão, SP, 1982, p. 79)

(13) Cf nota c da BJ a este salmo. Na TOB, a nota u vê na “casa” uma possível referência ao Templo, em paralelismo com a “cidade” (de Jerusalém) no v. seguinte, também por causa das possíveis alusões a Salomão, a quem o salmo é atribuído.

(15) Cf introdução ao “Cântico” na BJ

(16) Assim, a tradução da BJ. A da BV, que coincide com a da TOB, é diferente: “Cedros serão as vigas da nossa casa, e ciprestes, as paredes”...

Endereço do autor:
ITESC – cx. postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC